

RESSENTIMENTO

O conceito temático de ressentimento no seio da moral só conheceu direitos de cidadania com o pensamento de Nietzsche, em particular no texto *Para a Genealogia da Moral*. O ressentimento começa por ser aí uma inibição de uma reacção num mundo humano, isto é, alguém faz outrem sofrer sem que este possa responder a tal agressão (física ou psicológica). Por outras palavras, o ressentimento deriva da impotência, como quer que esta seja pensada: ausência do agressor, consciência da fraqueza diante daquele que agride, etc. Mas o próprio conceito de impotência significa que a intenção inibida de reagir está presente, trata-se apenas de diferir essa reacção. A partir daqui, a relação com o agente (causa) do sofrimento não pode reencontrar a inocência prévia à acção daquele, isto é, o ressentimento *envenena* porque prende ao *passado*, numa dupla acepção: o ressentido fica atado à agressão de que foi vítima, sem conseguir abrir-se ao tempo como *novum*, por um lado, e liga o outro à agressão que cometeu contra si, interpretando-o à luz da acção passada. Mas o que está aqui separado pode ainda juntar-se, quando alguém sofre pelo que fez e resente contra si próprio. Neste caso, é particularmente visível a incapacidade do ressentido de separar a acção do acto: este esgota aquela. O que o ressentimento mostra é sobretudo uma incapacidade de começar, de ser um início, de se lançar à *corps perdu* que Nietzsche caracteriza como segurança dos instintos; o ressentido, ao invés, vive de *prudência* e de *consciência* (Nietzsche, 2000, p.38), ou seja, tem presente a si a agressão a que não reagiu e articula todo o curso dos acontecimentos desde então sob a óptica de uma reacção futura. O passado determina assim o futuro. Tal seria o aspecto do ressentimento em estado normal, isto é, passivo.

Mas o ressentimento também pode ser activo, na medida em que cria novos valores que permitem alterar a posição hierárquica do opressor à luz de outro estalão valorativo. Sem que sobrevenha qualquer alteração nos *factos*, dá-se uma mudança na *interpretação*. Enquanto o ressentimento passivo espera pelo momento propício para se vingar, o ressentimento activo consome a vingança através de uma inversão de valores, que exalta o ressentido e rebaixa o agente causador de sofrimento. Trata-se, diz Nietzsche, de uma vingança *imaginária*. O encadeamento temporal mantém-se, mas indexado de um novo valor: a prudência torna-se inocência e a consciência alegria. Cada ofensa é um passo na via da perdição para o agressor e uma promissória de bem-aventurança para a vítima. A vingança imaginária aparece assim como uma vingança sempre já realizada. A nota característica de *imaginária*, contudo, dá conta de uma característica suplementar do ressentimento activo, a saber, a sua má consciência, pois só faz sentido vingar-se se a escala de valores

anterior (aquela que presidiu à ofensa) se mantiver, seja de que modo for, vigente. Por outras palavras, a inversão de valores está permanentemente hipotecada aos valores que geram sofrimento. Esta ambiguidade valorativa faz com que a vingança não seja propriamente consumada, mas se consume no tempo, isto é, paralelamente à permanência da ofensa segundo a tábua valorativa anterior. Daí que a vingança imaginária não recupere, em rigor, a inocência e a alegria afirmativa senão em aparência; trata-se antes de uma inocência e alegria *malévolas*: *Schadenfreude*.

O esquema explicativo de Nietzsche surge a partir de relações sociais - são os escravos sofredores que segregam ressentimento contra a aristocracia. Mas o *ressentimento criativo* implica, contra as interpretações aristocráticas, um elemento de universalismo. Enquanto estas últimas não querem universalizar-se, impor-se como a interpretação verdadeira, anulando assim o seu carácter de interpretação, ou seja, aceitam o politeísmo dos valores - “O homem nobre exige o seu inimigo como quem exige uma distinção” (Nietzsche, 2000, p.39) -, o ressentimento criativo opera uma inversão de valores que inventa o *malvado* enquanto aquele que é *diferente*. Por isso, trata-se de *reação*. Os valores aristocráticos afirmam o *bom* em primeiro lugar, sendo o *mau* consequência desse *bom*, os *actos* expressam o carácter nobre que se define por não precisar de comparações para se afirmar; o facto de se identificar com os actos significa que não se põe em causa como um agente livre que poderia ter agido de outro modo - isso seria sintoma de instintos enfraquecidos -, por outras palavras, o nobre é o inconsciente. Os valores criados pelo ressentimento, pelo contrário, definem-se em relação (*reação*) ao *mal*, o *bem* é contraposto ao *mal* primeiro, o objecto da avaliação não são os actos, mas sim as *acções*, porquanto se supõe a existência de um sujeito livre. Deste modo, o ressentimento possui uma possibilidade de *culpabilizar* o malvado, lançando mão da neutralidade - e da consequente universalidade - do agente (Nietzsche, 2000, p.46). O sofrimento deixa de ser trágico para passar a ser explicável, racionalizável, ou, usando a fórmula do *Nascimento da Tragédia*, a existência pode ser corrigida, isto é, o sofrimento pode ser superado, a contingência existencial dominada (Nietzsche, 1997, p.97). Com o decurso temporal passado/presente/futuro submetido a uma lei de bronze, o sujeito justifica-se como o culminar do processo do mundo, torna-se réu e juiz da história, está *justificado*. Ao apelarem à liberdade e à universalidade, os valores instituídos pelo ressentimento criativo conseguem abolir a distância e o politeísmo dos valores: mediante um *poder* de subsunção, a existência/vida pode ser vista *sub specie aeternitatis* e assim igualizar, *imaginariamente*, nobres e escravos. Mas a *realidade* permanece insurrecta à razão, as diferenças não são unificadas através do mero desejo de o serem, por isso, o ressentido alcança, contrariamente ao que prega, uma

posição de domínio na vida, e isso do modo mais dissimulado: afirmando que o domínio não é domínio, que não é ele que condena os maus, que existe uma ordem moral no mundo. O *non plus ultra* do ressentimento seria, assim, o amor cristão, que sob uma máscara de benevolência seria, na verdade, uma máquina de vingança e crueldade. A superação da posição de inferioridade executa-se mediante o *devir* instrumento, uma *mimese* do que está morto; trata-se por isso de uma despersonalização como *fuga sui*, que atinge o seu auge na análise do ideal asceta da terceira secção de *Para a Genealogia da Moral* e nos §§41-4 dO *Anticristo* (Nietzsche, 2000b, pp.61-8). Em ambas as análises, Nietzsche - muito antes de Marcel Gauchet - mostra como o Ocidente se construiu com base na consideração de um ponto de vista exterior ao mundo - esse é o seu *novum* e, simultaneamente, o fim de todas as eras religiosas, porquanto a história ocidental constitui a revelação da subordinação de Deus ao indivíduo. A substituição de Deus - do Deus cristão - por avatares intramundanos (ciência moderna, igualdade, ideologias políticas, etc.) não deixa de manter o mesmo modo de pensar. Assim, a análise do ressentimento ultrapassa progressivamente o campo de um sentimento moral entre outros, a fim de adquirir uma prevalência na explicação de toda a história, moral e metafísica ocidentais. A par deste poder explicativo alargam-se, no texto de Nietzsche, as causas do ressentimento: tudo o que faz sofrer pode ser ressentido, a vida é sofrimento, logo, o ressentimento é constitutivo da vida. O que coloca o Ocidente à parte é justamente a premissa inicial: a resposta ao sofrimento consiste na procura das suas causas e conseqüente correcção. Por outras palavras, a interpretação ocidental do mundo é *activista*: visa o domínio do todo para que nada mais aconteça e supera o niilismo através do destaque do elemento *vontade* na vontade de nada; ao passo que a interpretação budista acentua o elemento *nada*, para assim não haver ocasião para vontade, substituindo-se aqui uma técnica interior à técnica exterior do Ocidente. Em ambos os casos, a vontade encontra uma finalidade e um sentido. Escapar ao encantamento do ressentimento significa uma aceitação do sofrimento que não seja, contudo, um neo-barbarismo, já que para Nietzsche um regresso ao passado não é possível nem, sobretudo, desejável. O nome para tal já Nietzsche o tem: Dioniso. Um deus que ainda não veio.

No seguimento e na dependência de Nietzsche, surgem duas outras interpretações decisivas do ressentimento - Max Scheler e Adorno/Horkheimer.

Em "*Das Ressentiment im Aufbau der Moralen*" (Scheler, 1955), Max Scheler tenta responder à identificação nietzschiana entre ressentimento e cristianismo, aceitando apenas a segunda parte da tese daquele: a modernidade e os seus valores (burgueses) seriam fruto do ressentimento. Para separar o que Nietzsche juntara, Scheler tem de

mostrar a originalidade do amor cristão. Enquanto a concepção grega, que via no amor um movimento do inferior para o superior, já dado e suficiente em si (o que constituía uma desvalorização do amor e a sua rejeição para a mera passagem, ou seja, algo que cessaria ao atingir o seu *telos*, na sua consumação), o amor cristão é um fim em si (Scheler, 1955, pp.71-4). Deste modo, é a concepção grega, em última análise, que pode ser acusada de fuga à realidade, uma vez que o amor visaria a anulação desta vida de carências, de sofrimento, de resistência, na vida perfeita da divindade que já não ama, no pensamento que se pensa a si mesmo por toda a eternidade, que atrai para dissolver a *individualidade* de quem chega até si. O amor cristão, ao contrário, é o amor da divindade pelo que se encontra necessariamente abaixo de si, cujo emblema máximo é o acto de criação. E o amor humano seria a imitação deste amor pelo inferior, não para se comprazer no negativo, mas porque o *indivíduo* não é redutível às qualidades que nele existem. Assim, no amor cristão não se dá uma inversão de valores (o feio continua feio, o fraco fraco, etc.); pelo contrário, ele é a condição de possibilidade para que o feio seja feio, o fraco fraco, etc. O amor deve superar os elementos negativos em vista da individualidade embutida em tais qualidades. Não se trata pois, no amor cristão ao próximo, de um comprazimento, mas de uma superação que só se dá com o amor, porquanto é ele que possibilita o aparecimento do indivíduo enquanto tal. O amor cristão é *acto* e não *sentimento*, dirige-se ao *indivíduo*, não às suas qualidades. É o humanitarismo moderno que transforma o amor em sentimento e, com isso, afasta-se totalmente da concepção cristã do amor. O humanitarismo *nivela* o amor, redu-lo a uma manifestação do refluxo sobre um *eu* dos acontecimentos alheios. Por outras palavras, *ama* o outro, porque podia ser o outro, ficando assim abolidas as diferenças entre o que é realmente individual, para subsistir apenas um amor genérico. Deste modo, substitui-se o qualitativo pelo quantitativo. É este amor que esconde o ódio ao diferente e pretende uma uniformização completa, para assim não sofrer como o facto de se ser um *eu*.

Para Adorno e Horkheimer (1944), o ressentimento ressuma da constituição da subjectividade, na medida em que esta se forma por um afastamento da natureza. Se os homens tiveram sempre de se adaptar à natureza ou adaptá-la a si (Adorno/Horkheimer, 1987, p.55), no primeiro caso compreendiam-se ainda como parte da natureza (a adaptação à natureza realizava-se ainda sob o signo do parentesco mimético, que negava a especificidade do humano), no segundo caso, é a natureza que é transformada à imagem e semelhança do homem. Mas, neste caso, a autoafirmação do sujeito, através da renúncia à vida pulsional, exige como preço a elisão das suas funções naturais, mola propulsora do próprio movimento da

autoconservação. Deste modo, a autoconservação do sujeito destrói o seu princípio, ao reificar-se (Adorno/Horkheimer, 1987, pp.35,78). O ressentimento acumulado por uma vida de renúncia a que se retira no fim o seu próprio *telos*, a revolta da natureza reprimida que se vê defraudada, é o que sobra para dar notícia de que a autoconservação foi reificada, ou seja, reverteu à natureza de que pretendia emancipar-se. Por isso, no culminar do processo civilizacional, o domínio total e totalitário permite a manifestação da natureza insubmissa, desde que seja posta ao seu serviço. A mimese primeira é mimetizada conscientemente (Adorno/Horkheimer, 1987, p.214). A falsa solução do ressentimento redonda num maior poder da civilização. Por isso, o ressentimento será um sentimento que acompanha toda a vida civilizada até ao dia da redenção.

João Tiago Proença

→ Bem; Mal; Vontade; Paixão; Simpatia.

Bibliografia

- Adorno, Th./Horkheimer, M. (1944) *Dialectik der Aufklärung*, Fischer Taschenbuch, FaM, (1987).
- Nietzsche, F. (1871) *O Nascimento da Tragédia*, Relógio d'Água, Lisboa, (1997).
- _____ (1887) *Para a Genealogia da Moral*, Relógio d'Água, Lisboa, (2000a).
- _____ (1895) *O Anticristo*, Relógio d'Água, Lisboa, (2000b).
- Scheler, M. (1915) *Das Ressentiment im Aufbau der Moralen*, Francke Verlag, Berna e Munique, (1955).